



Itália

## FENPROF participa no 14º Congresso da UIL SCUOLA

MANUELA MENDONÇA (Membro do SN da FENPROF)

De 15 a 17 de maio, realizou-se em Montesilvano (Itália) o 14º congresso da UIL Scuola, organização com a qual a FENPROF mantém uma relação de longa data.

Integrando espaços de debate diversificados, o programa do congresso incluiu uma mesa redonda sobre “Comunidade educativa e sistemas nacionais de avaliação”. Num debate moderado pela vice-secretária geral da UIL Scuola, participaram a presidente do Instituto para a Investigação Académica, Social e Educativa, o Diretor Geral da Educação, o Diretor Geral do Instituto Nacional da Avaliação, o secretário-geral da UIL Scuola e a representante da FENPROF, como porta-voz dos convidados internacionais, que se tinham reunido para preparar uma posição comum sobre o tema em debate. É essa intervenção que a seguir se reproduz:

Em primeiro lugar, em nome dos convidados internacionais, da Bulgária, França, Grécia, Holanda, Portugal, Espanha e Reino Unido, agradeço à UIL-Scuola convite e a calorosa hospitalidade. Estamos felizes por

estar aqui e tentarei partilhar convosco as nossas posições sobre o tema que nos foi proposto: “Avaliação – o seu impacto na pedagogia e na autonomia profissional”.

A avaliação dos alunos está no centro da profissão docente. É um ato profissional ponderado, que afeta os alunos e as suas famílias. A avaliação visa consciencializar os alunos dos seus resultados e reforçar o seu sentimento de competência, bem como fazer um diagnóstico das dificuldades e encontrar soluções para as superar. Por outras palavras, a avaliação deve ser formativa e positiva, para reforçar o conhecimento e as capacidades dos alunos e para fornecer feedback construtivo. Investir no desenvolvimento inicial e profissional dos professores é importante porque pode melhorar a sua capacidade de analisar os processos de aprendizagem, bem como reforçar o seu trabalho cooperativo e autonomia profissional.

Ao discutir as políticas de avaliação, constatámos que em todos os nossos países os testes padronizados estão a ter impactos negativos nas escolas, professores e alunos. As escolas tornaram-se fábricas de exames, os currículos foram reduzidos e há um foco excessivo na literacia e numeracia, com a exclusão de disciplinas criativas e práticas.

Além disso, crianças de todas as idades sofrem cada vez mais de stress relacionado com a saúde mental, devido à pressão dos exames. Os alunos com dificuldades tornam-se vítimas de uma mais baixa auto-estima.

Os professores também estão afetados por doenças relacionadas com o stress, como o medo e a competição doentia. Os fracos resultados de aprendizagem dos professores individualmente consideram os primeiros a serem responsabilizados por isso são obrigados a ensinar para os exames de alto nível. Este processo reduz drasticamente a liberdade dos professores moldando as práticas pedagógicas e levando à desprofissionalização do seu trabalho.

A Inglaterra parece ser o pior exemplo em termos de avaliação e exames, com testes nacionais padronizados para todas as idades de 4, 6, 11 e 14 anos de idade e outros exames para todos os alunos aos 16 anos. Os resultados dos testes estão diretamente ligados ao salário. A inspeção escolar baseia-se principalmente nos dados dos testes e um resultado menos positivo da avaliação pode levar à demissão de um diretor e a outros professores.

Na Holanda, os professores do ensino primário com mais idade estão sob pressão para obter resultados mais elevados dos alunos mesmo vindo a ser empurrados para fora da escola. Em alguns países, como a França e Portugal, os resultados dos testes nacionais são também usados para

